



CLARA NUNES: ÉTICA E SENSIBILIDADE INCOMUM

Beatriz Helena Ramos Amaral

“É Clara princesa / no país da escuridão acesa” (Clara, de Geraldo Carneiro e Francis Hime)

Ótima surpresa para os leitores: os que gostam de música de qualidade, os que admiram a extraordinária arte de Clara Nunes (1942-1983), os que gostam de narrativas brasileiras bem contadas, com a espontaneidade da memória. Acaba de ser lançado “CLARA NUNES nas memórias de sua irmã dindinha Mariquita”, parceria entre Maria Gonçalves da Silva e Josemir Nogueira Teixeira, filósofo, professor e poeta. Publicação da Editora Jaguaritica, o livro reúne memórias da irmã de Clara, que a criou desde a infância, quando a cantora ficou órfã. Clara nasceu em 1942, na cidade de Paraopeba, Distrito de Cedro, Minas Gerais. Anos depois, o distrito emancipou-se e recebeu o nome de Caetanópolis. Da vida de Clara ainda menina, brincando livre entre pássaros e árvores e começando a cantar na escola e no coral da igreja, as memórias trazem testemunho verdadeiro, com cenas curiosas, tecidas num fio de linha vivo, íntegro e vibrante. Um relato que somente Maria Gonçalves da Silva poderia apresentar.

As memórias criam pontos de conexão entre literatura, psicologia, sociologia e história, abrindo portas para o conhecimento das condições de uma época, um grupo social, uma cidade, um país. No caso de uma grande artista como Clara Nunes, intérprete, pesquisadora e compositora de enorme talento, expressividade, rigor estético, que fez opção pela música brasileira, é inconteste a relevância deste livro, que traz o retrato da menina Clara Francisca, do modo como lidou com os inúmeros desafios de vida e se transformou numa das maiores estrelas brasileiras. Sensível e tenaz, sempre esteve consciente de que nascera para realizar uma missão com a sua voz de cristal. Foi filha caçula de um músico popular, instrumentista respeitado na cidade, Manoel Pereira de Araújo, conhecido como “Mané Serrador”, violonista que organizava as Folias de Reis e tocava diari-

amente em casa. Uma curiosidade: Clara tinha dois anos quando perdeu o pai. Foi a única dos irmãos que não teve a oportunidade de aprender música com ele. Mas a genética favoreceu a caçula, que encantou o Brasil e o mundo.

Como bem salienta a historiadora Sílvia Brügger, no prefácio ao livro, o papel de Dona Mariquita “em relação aos legados da irmã famosa é a de uma guardiã de memórias. Memórias materializadas em objetos que hoje formam o acervo do Memorial Clara Nunes, mas que por muitos anos foram cuidados, sobretudo, em razão do sentimento que a unia à sua irmã caçula.” O conjunto de mais de nove mil itens, troféus, prêmios, vestimentas, acessórios, estátuas, objetos pessoais, livros, peças de decoração, discos, acervo fotográfico, artigos de jornal, revistas, vídeos, cartas, depoimentos, hoje “permitem a quem visita o Memorial ou pesquisa em seu acervo refletir sobre questões importantes da história e da cultura brasileira” (S. Brügger, p.10, prefácio).

O autor memorialista dispõe de dupla possibilidade: oferece uma visão da história, mas personalizada. Apresenta história particular e pessoal de que também é personagem e narrador. Nestas memórias, escritas com a colaboração de Josemir Nogueira Teixeira, a autora traz fatos, confidências e impressões. Os temas se desprendem de um capítulo e são retomados noutro, trazendo surpreendentes relatos da vida de Clara, seu casamento com o poeta, compositor e escritor Paulo César Pinheiro, a assinatura do contrato com a gravadora Odeon (EMI), em que gravou 16 álbuns individuais, além de quase 100 compactos-simples. Sempre procurada para entrevistas, Maria Gonçalves da Silva decidiu compartilhar com o público a história de seu convívio com a cantora.

Contextualização importante da vida de Clara, o texto é composto de 38 capítulos e de um caderno iconográfico de imagens da família e do início de carreira, quando, vitoriosa em Minas Gerais no concurso “A VOZ DE OURO ABC”, a cantora ganhou programa de rádio em Belo Horizonte, e, depois, um pro-

grama de TV intitulado “Clara apresenta”. Esta fase de sua profissionalização antecede a ida da para o Rio de Janeiro, onde assinou contrato com a gravadora Odeon, iniciou sua produção fonográfica, construiu brilhante trajetória, conquistou a liderança em vendas de discos, recebeu prêmios, fez turnês no exterior, lançou álbuns em outros países, casou-se com o poeta e compositor Paulo César Pinheiro, gravou 16 LPs, e cerca de uma centena de compactos simples, fez espetáculos memoráveis (“Poeta, Moça e Violão”, com Toquinho e Vinícius de Moraes, “Brasileiro Profissão Esperança”, ao lado de Paulo Gracindo, com texto de Paulo Pontes, crônicas de Antônio Maria, canções de Dolores Duran e direção de Bibi Ferreira) espetáculos próprios, como “O Canto das Três Raças” e “Clara Mestiça”, todos de notório êxito.

A grande revelação do livro de Maria Gonçalves da Silva é a construção do retrato da fulgurante e sensível Clara de modo distinto do perfil de uma obra biográfica. Os leitores têm a possibilidade de compreender o quanto a sensibilidade da intérprete floresceu na família. A cada retorno à sua terra, Clara, trazia consigo generosidade e delicadeza que surpreendiam e emocionavam a própria irmã. Destaca-se também o primoroso trabalho do Prof. Josemir Nogueira Teixeira ao transpor os relatos para a forma de livro. Organizou as entrevistas com foco narrativo de primeira pessoa, “onde sobressai a fala da entrevistada como depoente e narradora”, diante de um interlocutor oculto. Discurso direto e indireto, dinamismo e velocidade estruturam o texto. Lembra Nogueira Teixeira: “*Ser é ser como memória. [...] Memória não é história; a verdade da memória não é uma verdade histórica, mas um substrato sobre o qual se pode construir a narrativa histórica.*” A obra é realização do Instituto Clara Nunes e do Programa em Extensão Memorial Clara Nunes da Uni-



Clara Nunes

versidade Federal de São João del-Rei. A capa tem concepção de Herik Rafael Oliveira e fotografia do Studio Jeane.

Na contemporaneidade, o estudo da memória insere-se na esfera da transdisciplinaridade, em que diferentes áreas do conhecimento interpenetram-se construtivamente. Este livro de memórias sobre a excepcional intérprete afirma a identidade – tão rara – entre ser e obra. “Clara: uma luz que se acendeu. Fogo, era o fogo de Xangô”, diz a canção que Francis Hime e Geraldo Carneiro dedicaram à estrela. Que este livro encante os leitores e abra portas para a compreensão e expansão do amplo e belíssimo legado da excepcional Clara Nunes. Oxalá!

Livro: CLARA NUNES NAS MEMÓRIAS DE SUA IRMÃ DINDINHA MARIQUITA - 270 páginas. Autores: Maria Gonçalves da Silva e Josemir Teixeira Nogueira. Editora Jaguaritica. Para comprar: Instituto Clara Nunes: (31)3714-6702 e institutoclaranunes@yahoo.com.br e editora@editorajagaritica.com.br Jaguariçica: (21)4141-5145 e editora@editorajagaritica.com.br

BEATRIZ HELENA RAMOS AMARAL, Doutoranda em Comunicação e Semiótica e Mestre em Literatura, autora de *Peixe Papiro* e *A Transmutação Metalinguística na Poética de Edgard Braga*, entre outros.



O Chamado (ou Epifania)

Ely Vieitez Lisboa

Durante a pandemia, eterna luta entre Deus e o Diabo, as ideias vieram-me à cabeça como uma epifania. Preço alto, milhares de mortes, preço terrível, o heroísmo da Medicina contra a arma maldita do Corona-vírus. Não há ideia de castigo ou salvação, apenas fatos, realidade da condição humana. Deus nos deu inteligência e o livre arbítrio. Cada um escolhe o caminho e sua luta. A não opção é, evidentemente, mais cômoda. Clarividência é trabalho e o comprar briga entre o coração, a alma e a inteligência também; mornidão é agradável. Mas com que direito podemos evitar o chamado, a epifania? É um presente de Deus. E como Ele existe não temos o direito de ignorá-lo. Por isso, que quando a ideia surgiu, incômoda como mosca bendita, o remédio é aceitá-la. E então resolvi atender o chamado.

Adeus noites tranquilas, adeus o manso sono, comodismo só pensar na minha história comum, da mulher que perdeu o doce companheiro? Dia 24 de maio, agora, de 2020, ele faleceu, não de Covid-19; seu coraçãozinho, tão grande e

amoroso, em vida, parou, aos 86 anos. Ele se foi assim, mansamente. Sofri e ainda sofro com a tragédia inesperada, mas já chorei demais e então surgiu uma ideia luminosa: Não será dele, do Amado, meu Anjo da Guarda que, do lado de lá, já vislumbrou tudo?! Senti-me privilegiada, escolhida, feliz com a hipótese (sempre as hipóteses...), descobrir aos oitenta e cinco anos, uma saída para o mistério, que, como diz Drummond, o profético, "se não há porta"?

Esperei emocionada o dia chegar (por que o relógio é tão lento?!) para começar minha grande pesquisa com a cura do meu desequilíbrio. Fazer a consulta para a cura do meu desequilíbrio (até hoje os médicos não conseguiram). Fazer uma consulta mexendo com os cristais de minha cabeça e voltar a andar com desenvoltura. Adeus bengala! Adeus ajuda da minha cuidadora Rita de Cássia Moraes. Sem ela a quarentena seria o inferno. Deus abriu-me uma porta? Que eu seja corajosa, deixando o comodismo e aprendendo a acreditar, sendo menos cética. Vamos à luta! Aceito a missão.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
elyvieitez@uol.com.br

ANEL DE VIDRO

Raquel Naveira

Ficava na rua 13 de maio a casa dos meus avós. No outono, o vento fazia rodopiar a poeira e as folhas, enquanto as crianças cantavam de mãos dadas uma ciranda: "O anel que tu me deste/ Era vidro e se quebrou/ O amor que tu me tinhas/ Era pouco e se acabou." Sentia toda melancolia desses versos: o anel que deveria ser um vínculo, uma aliança, o símbolo de uma união fiel e livre, era falso, um afeto sem força e sem palavra. Foi jogado do alto de uma torre no mar do esquecimento, engolido por um peixe, por um turbilhão de desejos.

Foi talvez uma lembrança forte assim que inspirou a escritora Ana Luísa Escorel (1944...) a conceber o romance *Anel de Vidro*. Quatro personagens numa ciranda, expõem a liquefação de suas relações íntimas. Compromisso, família, traições, armadilhas, genealogias, herança. Todos vítimas de um adultério, numa trama em que o anel se quebrou em estilhaços de dor e renúncia.

Na mesma rua da minha infância, havia uma pequena mercearia, que chamávamos, nesta terra de fronteira, de "bolicho". No bolicho, vendiam-se pedaços de doce de figo ou goiaba, cobertos de açúcar, com um anel pendurado. Um tinha uma pedra vermelha como rubi, outro verde como esmeralda e outro brilhava como diamante. Fazia coleção deles. Colocava-os nos dedos olhando minhas mãos de longe, num gesto feminino e egocêntrico. Às vezes os beijava. Como o poeta português Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), que se suicidou, mal saído da adolescência, escreveu no poema "Dispersão": "Eu beijo as minhas mãos brancas.../Sou amor e piedade/ Em face dessas mãos brancas... Tristes mãos longas e lindas."

Meu avô observava a cena e dizia sorrindo: " - Está com a mão cheia de anéis? Parece o Josetti."

O Josetti era um tipo popular, dos anos setenta, que vivia vagando pela cidade. Foi descrito por Ulysses Serra (1906-1972), num livro que marcou a literatura sul-matogrossense, Camalotes e Guavirais: "Josetti era um vagante diferente. De família ilustre, tinha cordura e mansuetude. O riso comedido e o gesto ainda elegante repontavam dos andrajos que o cobriam. Usava oito, dez, doze e mais anéis em cada mão, de latão e pechisbeque, uma verdadeira manopla." Talvez usasse tantos anéis porque perdera a mulher amada e ganhara em troca um destino infeliz.

Recordo-me quando veio a notícia da morte de Josetti, numa madrugada fria, nas escadarias do Edifício Korndorfer, primeira galeria de lojas no centro, um marco da modernidade. Encontraram-no enregelado com seus anéis.

Guardei os anéis de vidro numa caixinha de veludo, que um dia desapareceu. Eram anéis que me uniam a um esposo místico. Que me isolavam e me tornavam escrava de um amo absoluto. Com aqueles anéis eu abria portas, entrava em castelos e cavernas. Fizera através deles um pacto com poderes mágicos.

Do carro, observo os umbrais conservados da casa de meus avós. Ouço ainda a cantiga de roda: "O anel que tu me deste era vidro e se quebrou..." O amor dentro de mim fulge como ouro. É laço que nada pode romper.

Raquel Naveira é escritora, crítica literária, professora universitária, vice-presidente da Academia Sul-Matogrossense de Letras e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00
Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0
- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante, com endereço completo, para
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Roberto Scarano

Advogado



Trabalhista -
Cível - Família

OAB - SP 47239

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br



INVENTÁRIO DE UM DESASSOSSEGO

Ronaldo Cagiano

Livro de estreia de André Osório, “Observação da Gravidade” (Ed. Guerra e Paz, Lisboa, 2020) revela-nos um jovem autor português que aos vinte e um anos impõe-se por uma precoce, mas plena maturidade criativa. Esse conjunto de poemas resulta não apenas do olhar imerso num lirismo muito peculiar, mas também de uma introspecção metafísica.

Dividido em três seções – *Gravuras*, *Observação da Gravidade* e *Museologia* – sua cartografia poética percorre múltiplos cenários numa revisita àqueles sítios que são referências para a construção de sua personalidade e de sua criação literária. Espaço, tempo e memória alinhavam uma cartografia sensorial, a partir de uma aguçada sensibilidade e de uma nostalgia que vasculham os espaços domésticos, a partir do qual reverbera um amplo campo de referências pessoais e literárias.

Permeado por um eu lírico nada exacerbado e uma reflexão sobre sua relação com os mundos que o cercam (o geográfico, o afetivo, o psicológico), o autor desnuda as camadas de sua precoce, mas intensa experiência vivencial, sem a tentação do confessional.

No trânsito por universos e atmosferas que oferecem matéria e circunstância para uma poesia de mergulho em um presente repleto de passados ainda tão recentes, a infância e a adolescência são os emuladores melancólicos de uma identidade que se quer resgatar e de uma ancestralidade que busca reafirmar. Como no poema “A apanha da conquinha”, a delicada escritura de André Osório remete-nos àquele sentimento já expresso por Carlos Drummond de Andrade - *E o menino em nós/ ou fora de nós/ recolhendo o mito* – e que habita o seu inconsciente familiar, social e humano e projeta-se com inegável carga metafórica e onírica, culminando num sutil inventário existencial.

Entre poemas mais longos e versos que optam pela economia de meios, a poesia de André Osório constrói-se a partir de imagens do cotidiano e palmilha um imaginário que flerta com outros campos artísti-

cos (como a música, o cinema, as artes plásticas). Diáfana, a linguagem que bebe nessas várias fontes estéticas esparrama-se por uma intertextualidade, evidência de seu repertório de leituras tanto literárias quanto do mundo, ao mesmo tempo em que nota-se um equilíbrio entre forma e conteúdo, a presença de harmonia e ritmo na híbrida construção poética, por todos os ângulos, estruturada com rigor, densidade temática e cristalinidade verbal.

“Observação da gravidade” é uma radiografia dos escaninhos familiares, de onde emula suas miragens e pressiona o gatilho da memória, por meio do que escreve uma biografia coletiva a partir dos mundos que se formaram ou agora são reinventados em chave de catarse. Osório mira-se pelo “olho de uma casa/ que olha para dentro”, espaço místico, lúdico e telúrico pelo qual vislumbra um mapa do desassossego, na rota de sensações e explosão dos sentidos, beiral de onde o poeta pinta com as palavras a caleidoscópica gravura de seu percurso humano e social movido pela inquirição. Compõe, assim, um fecundo museu de preciosidades ao rastrear questões que lhe são essenciais em meio aos labirintos, conflitos e demandas contemporâneas, com o amálgama de um intimismo sem afetações, que converge numa arquitetura poética, em que a exegese da realidade interior se conecta com a semântica do mundo exterior e conflituoso, prospectando-lhes as minúcias, num exercício depurado e numa dicção povoada de símbolos.

O desvelo com o valor e a função da arte também está expresso nesse livro, como se lê em “Auschwitz”, sintomaticamente uma alegoria da necessidade de se estabelecer uma espécie de campo de concentração textual, onde o traba-



André Osório

lho do autor, em contínuo processo, requer uma insularidade necessária para alcançar o esmero da palavra final. Em “Poema” o autor declara-o como seu regaço, o território em que mais se sente à vontade, o seu refúgio estimulante, dele extraindo a seiva elaborada de uma rica escritura, pois “A sua arte é a de auscultar o vazio/ pela artéria de dentro” e, numa solidão luminosa, alimentar sua fome de dizer.

A poesia que inaugura a galáxia literária de André Osório é original, límpida e epifânica: dissemina sua força gravitacional como obra de dimensão superior, que impulsiona “um voltar às raízes./ à terra...”, pois o autor compreende, na complexidade das escrivências, que sempre se está a realizar um encontro de contas com a vida, as relações e as pessoas, eis que “aí reside o mundo. Aí ele escapa”. E nas “intermitências” entre o chegar e partir, entre o visto, o vivido e o sentido, introjeta-se o espelho que agudiza os dilemas da caminhada, mas “os faróis esquadrinham/ o seu reflexo” e o poeta, com seu facho, se apazigua nos amplos espectros de sua poesia, essa arte que, no dizer de Jean-Claude Pinson (“Para que serve a poesia hoje?”), é “uma física repleta de incerteza”, instância que “faz vibrar em nós a corda enigmática do tempo, isso mesmo em que se mostra mais inescrutável.”

Ronaldo Cagiano é escritor brasileiro e crítico literário. Reside em Portugal.

DESACORDO

Flora Figueiredo

O silêncio tem falado alto.
Discordamos.
É sua função ficar quieto.
Insistente,
ele arrasta memórias
como quem puxa seu trenzinho
de estimação.
Tapo os ouvidos,
inutilmente.
Silêncios conhecem o caminho
dos sentidos.

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*, *Limão Rosa*, *Florescência*, entre outros livros. Exerceu o cargo de Vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

O VIOLÃO

Raymundo Farias de Oliveira

Há uma ternura infinita
no violão que murmura
turbilhões de segredos
na dança dos dedos...
dedos divinos
dançando no braço do pinho
como se fossem meninos
brincando à luz do luar...
melodias e harmonias
e acordes colorindo a beleza
da poesia escondida
no bojo do violão!
Ele que vive
a maior parte de sua vida
no silêncio e na solidão.

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e procurador do Estado aposentado.

Crianças pele e osso
a morrer de fome
em todo o Planeta,
seus governantes
em plena luxúria.

Rosani Abou Adal



A PREMIADA ESCRITORA BÁRBARA DE ARAUJO

Rui Ribeiro

Economista e advogada, a mineira Zilah Corrêa de Araujo dedicou-se ao exercício profissional em paralelo à produção ficcional sob o pseudônimo de Bárbara de Araujo. Nesse campo publicou cinco livros, todos eles premiados, o que representa fato inusitado em nossas letras.

Nascida em Campo Belo (1916), a autora residiu por muito tempo em São João Del-Rei, onde o pai exerceu o cargo de promotor público. Transferiu-se em seguida para o Rio de Janeiro, fixando-se depois em Belo Horizonte. Iniciou a carreira literária divulgando contos através das revistas "Cigarra" e "O Cruzeiro", publicando nesta, como folhetim, o romance **Uma flor sobre o muro**, editado posteriormente em livro (1955) laureado pela Academia Mineira de Letras. A narrativa se passa em São João Del-Rei, tendo como personagem principal uma moça ingênua e tímida, vinda de pequena cidade do interior com o pai viúvo, contratado para lecionar História num colégio da cidade. Residindo de início numa pensão, faz amizade com a filha da dona, jovem arguta e moderna, que tenta atualizá-la nas vestes e nas ideias. Acompanha-a porem memórias da infância, onde avulta a figura da mãe, ora displicente, ora atormentando-a com humilhações. Não entende o porquê de ter sido comparada à avó que, sempre alheia ao marido, administrou imensas terras de propriedade rural, com forte gênio autoritário e atitudes independentes. (Algumas semelhanças desse caráter rígido seriam utilizadas mais tarde pela autora para compor o perfil da protagonista central de outro romance). Mesclam a narrativa descrições da paisagem da histórica cidade, como igrejas, festejo tradicionais, pontes, chafarizes e sobrados antigos, em especial o localizado no largo de São Francisco, no qual teriam residido o inconfidente Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliodora.

Ainda entristecida com a partida da amiga para o Rio de Janeiro, a jovem recobra aos poucos a estabilidade emocional, animada por obter colocação definitiva como professora primária e por descobrir afinal o amor.

No mesmo ano de 1955 saíra outro romance da autora, sob o título de **Loja de ilusões** e agraciado com o prêmio "Júlia Lopes de Almeida" da Academia Brasileira de Letras. Suas cenas transcorrem numa inominada metrópole de largas avenidas com trânsito intenso e numerosos edifícios comerciais. No andar térreo de um deles localiza-se o epicentro da história, movimentado salão de beleza onde trabalha a manicure Neusa, protagonista principal da trama. Diligente e esforçada, ela ajuda a sustentar a casa com irmãos menores, filhos do segundo casamento da mãe. O padrasto, irresponsável e alcoólatra, abandona o lar de tempos a tempos, para viver com a amante. Retorna sempre, protestando emendar-se, mas voltando a ausentar-se num vai-e-vem constante. Frequentam o salão damas da sociedade, que participam de "diz-que-disses", comentários e confissões íntimas. Cada cabeleireira e manicure possui também sua história e problemas particulares. A mais culta e inteligente delas exerce influência sobre Neusa, que decide continuar os estudos, para um dia mudar de profissão. Uma das freguesas, detestada por todas, mas bem tratada pelas funcionárias por sua condição econômica social elevada, tem o hábito de perguntas indiscretas sobre a vida alheia com críticas sobre as pessoas. Considerando-se ofendida por uma resposta, deixa de comparecer ao salão. Então convida Neusa para fazer-lhe as unhas em sua mansão. As visitas se repetem e nasce do convívio um tímido namoro com "filho" (na realidade so-

brinho) da milionária, um rapaz hesitante e dependente. Ao descobrir a relação a tia se opõe, face à condição social da manicure. Os dois passam então a se encontrarem às escondidas. O jovem tenta inutilmente mudar a posição da madame, que se mantém irredutível. Ele rompe por fim a submissão criando coragem para comparecer à formatura da namorada. A insubordinação, ainda que representasse ato isolado, reacende a esperança do casal em concretizar o sonho de um dia vir a se casar. O título do livro deriva da "filosofia" do dono do salão, para quem a finalidade do recinto está em acalentar as ilusões das frequentadoras de manter a mocidade, ou retardar a marcha da velhice, através de tinturas, penteados e massagens. A habilidade da autora intercala à narrativa episódios paralelos incitantes, que mantêm o interesse do leitor do começo ao fim do romance.

Em 1969 **E oferecerás a tua outra face** foi galardoado com o "Prêmio Nacional do Romance", da Academia Paulista de Letras. Trata-se da obra de maior densidade dramática de Bárbara de Araujo e a de mais numeroso elenco de personagens e coadjuvantes. A ação principal se passa no ambiente da Fazenda Paineiras, região de Ouro Preto, a partir da segunda metade do século XIX. Na propriedade, sede de imenso latifúndio vive a família de velho patriarca, sua esposa, uma prole de oito filhos e grande escravidão. Única mulher entre a irmandade, Maria Emília desde menina se mostra autêntica e independente, para desgosto dos pais e comentá-

rios dos vizinhos, por participar de banhos coletivos de cachoeira e cavalgar à maneira masculina. Os modos da jovem levam à decisão paterna de mandá-la educar-se num colégio de freiras em Mariana e, principalmente, para adquirir posturas adequadas. Ao retornar, ela passa a adotar duplo comportamento, revelando-se por vezes uma perfeita dama e, em outras, voltando aos hábitos antigos, inclusive vestindo-se com as roupas dos irmãos para cavalgar. A estas alturas começam a aparecer pretendentes à sua mão, formando extensa lista mantida em segredo. O pai sofre acidente, ficando cego e inutilizado. Com sua morte, Maria Emília passa a administrar as propriedades com braço forte. Casa-se com o filho do tabelião da vila, um artista nato dedicado à escultura. A mulher o subjugou por completo. Audaciosa, adquiriu parte da herança deixada aos irmãos, com capital obtido por empréstimo mediante hipoteca. Para saldá-la, amplia as atividades produtivas com fabricação de queijos, aguardente e criação de gado. Chega a viajar sozinha para negociar boiadas. Os vizinhos passam então a respeitá-la. Algumas tragédias e desentendimentos acontecem na família. A poderosa senhora passa a desconfiar do envolvimento do marido com uma escrava, afastando-o da relação conjugal. Desprezado, ele mergulha em profundo desgosto e passa a perambular sozinho pelos campos, de madrugada. Final sofre acidente pela queda de uma ponte que ruíra à sua passagem. Os escravos atribuem o fato a uma armadilha montada pelo ciumento feitor, que foge. Enquanto isso o senhor definha, vindo a morrer, apesar dos desvelos da esposa, que se arrepende de o ter repellido.

Não obstante cenas comumente encontradas em inúmeras outras obras do gênero, a autora incorpora ao romance ingredientes peculiares, que lhe conferem originalidade, e explora com maestria tema ligado ao matriarcado, até então pouco usual em nossas letras.

Premiado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o romance **A flor do tempo** (1972) não tem personagens principais, como nos anteriores, todas centradas em figuras femininas. Apresenta cunho eminentemente social ao mostrar as

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



disparidades entre os habitantes de morro e aqueles de uma metrópole. Os favelados lutam pela sobrevivência, usando toda a sorte de expedientes, incluindo a criatividade de menores que pedem esmolas, batem carteiras e realizam pequenas tarefas, como a de lavar carros, levar recados entre outras cavações. Há de tudo na comunidade carente, desde o temido feiticeiro, até a prostituta e o comerciante turco, instalado em suas imediações. As águas violentas de uma tempestade destrói barracos, deixando as pessoas ao desabrigo, com a perda de todos seus trastes. Aí cresce o espírito de solidariedade, com ações de ajuda mútua. Um vendedor de algodão doce foi o mais prejudicado. Socorrido pelo compadre, funcionário morador na cidade, consegue por interferência deste, emprego e um lote para construção de novo barraco. Como sempre ocorre em tais situações, teve que prometer angariar votos entre os favelados para a reeleição do prefeito e eleição de seu chefe de gabinete, candidato a vereador.

Na cidade, há personagens como a moça funcionária de uma loja de departamentos, filha de professor culto e inteligente, profundo conhecedor de línguas, como o latim e o grego. Alcoólatra contumaz, entretanto, consome em bebidas o pouco que ganha lecionando. O namorado da jovem atua como jornalista, além de ser sócio de pequena empresa de publicidade. Por sua iniciativa é promovido concurso de televisão para premiar criança da favela. Equipe de reportagem sobe ao morro, provocando comentários favoráveis e contrários entre os moradores. Os fatos sucedem por ocasião do Natal, quando lojas oferecem donativos aos pobres. Formam-se então longas filas às portas dos estabelecimentos comerciais. Outra figura de relevo no enredo é um médico renomado e rico. Não obstante, pratica atos beneméritos socorrendo pessoas carentes no hospital que dirige. Solteirão convicto, possui várias amantes mas passa a noite de Natal sem a companhia de nenhuma delas, chamado às pressas para operação cirúrgica de emergência. Enquanto isso, irmãos, os moradores da favela festejam a data, conformados com o destino, resumindo esperanças na frase "Deus dá jeito para tudo".



Embora conquistasse em 1961 o prêmio "João Alphonsus" da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, **O bezerro de ouro** só seria publicado nove anos depois. Compõem-se de doze histórias curtas, que o crítico Temístocles Linhares classificou como de linha machadiana e de tendências introspectivas. Apesar da variação nos temas destacam-se pela unidade de concepção e pelo estilo característico.

Um dos contos mais expressivos da autora consta de antologia elaborada pela Editora do Escritor. Tem o título de "A estante" e descreve o caminho percorrido por literato estreante, desde a busca exaustiva de técnica nova para desenvolvimento da obra. Viriam em seguida os custos da impressão gráfica e do lançamento entre amigos, tudo feito às próprias expensas, mediante empréstimo bancário. Depois, a humilhante perambulação de livraria em livraria e a recusa dos livreiros, com "... aquela história de que, nessa época, era difícil vender ficção". Por fim a resignação de ter que estocar quase a totalidade dos volumes no quarto de pensão onde residia, além da despesa extra na compra de estante para abrigá-los.

Se o contexto ficcional da narrativa reproduz a realidade de muitos principiantes no ofício, não se aplicaria à escritora mineira. Ao que parece, não houve dificuldades maiores para a edição e distribuição de seus livros.

Rui Ribeiro é escritor, advogado e crítico literário.

Para Rosani, com fraterno amor.

Olivia Ikeda

É difícil ser árabe neste mundo
Em que a humanidade enlouqueceu.
A Era de Aquário era bobagem,
Um sonho que jamais aconteceu.

O futuro lindo que a gente
Esperava com tanta impaciência
Chegou na forma de um triste presente
Em que nos faltam a alegria e a inocência.

É difícil ser árabe neste mundo
Em que os fanatismos escondem o rosto de Deus
Que deveria brilhar na sua imagem
Em nós, seres humanos, filhos seus.

Mas árabes não são os terroristas
Que cortam cabeças numa ação fanática.
Os verdadeiros árabes são artistas,
Amantes das flores e da Matemática.

Os verdadeiros árabes são as pontes
Que ligaram o Oriente e o Ocidente.
Não é possível esquecer as fontes
Que irrigaram de saber a nossa mente.

Aristóteles, pelos árabes preservado.
A rosa amarela trazida da China.
Comunicação entre mundos - o legado
Com que o povo árabe nos fascina.

Um verdadeiro árabe não é terrorista,
Como um verdadeiro alemão não é nazista.
Essas coisas são momentos de infelicidade
Que envilecem a história da humanidade.

É difícil ser humano neste mundo
E caminhar por ele sem feri-lo.
Isto só vai mudar quando aprendermos
A não nos servirmos de Deus,
Porém, servi-lo.

Escrevo isso com muita tristeza
Depois de tudo o que ocorreu na França.
Mas, acredite, amiga, com certeza
Desilusão não é desesperança.

Tudo isso vai passar :
As almas pesarosas
Um dia vão viver num mundo que sorri

E voltaremos todos a pensar
Nos árabes das rosas,
Ancestrais da poetisa Rosani.

01/11/2020.

Árabe não é sinônimo de muçulmano,
Nem muçulmano o é de terrorista.
Lutemos todos por um mundo mais humano,
Crente ou ateu, mas humanista.

Olivia Ikeda é escritora, poeta e advogada. Foi uma das poetisas homenageadas do 33º Psiu Poético.



Cantando as manhãs de júbilo

Márcio Catunda

Quando eu canto no silêncio da noite,
eu digo das manhãs que vêm do mar.
Não há claridade onde eu não me afoite.

É o rei da luz que eu quero visitar.
Que me dê paz a vida, não açoite.
Serenos eu só me sinto em tal lugar.
Que a plenitude, portanto, me acoite
E eu beba a inspiração que vêm do ar.
Eu preciso cantar essas manhãs
que gravam-me luzeiros na memória.
Pois das estrelas elas são irmãs.
Que divinas maravilhas louças.
Que venturosas sensações de glória.
Que Deus seja louvado em meus afãs.

Márcio Catunda é escritor, poeta, compositor, letrista e diplomata.

PROGRESSO

Djanira Pio

A paisagem da cidade
grita por mudanças.
Prédios incríveis
como cristas
erguem-se contra o céu.
Chaminés ousadas
expelem tranquilamente
fumacinhas venenosas
manchando o céu celeste.

Postes, antenas
fios elétricos e botõezinhos
cronometram o progresso
da humanidade.
As plantas, como as pessoas
tentam viver,
conviver, sobreviver
com as artimanhas
da modernidade.

Djanira Pio é escritora, poeta e contista.

BELA ADORMECIDA

Amaryllis Schloenbach

Cada qual (a seu modo) todos burlamos o desconforme da morte. Maria Lúcia Dal Farra

Acorda Bela Adormecida!
Ouve o clamor de teu Príncipe
ao beijar teu rosto amado!

Achega-te à imensa roda dos que te amam
que se reúnem em preces
no altar da esperança!

Volta com vigor para a tua lida,
teu trabalho não está findo,
e há muito a completar!

Desperta Bela Adormecida!
Vem ouvir o rufar dos tambores,
daqui e d'além mar.

Eles te conclamam à alegre festa,
porque, por fim, venceste a guerra!

Amaryllis Schloenbach é escritora, poeta, jornalista e advogada.

à beira rio
entalho o poema

palmo a palmo
escuto a alma dos peixes
o passo dos pássaros

à sombra
uma nave de sonhos
espanta meus assombros

nunca outrora
aguardamos tanto
pelo anúncio da aurora

Dinovaldo Gilioli é escritor, poeta e ativista cultural e diretor de Cultura do Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis – Sinergia.

PEDRAS

Carlos Pessoa Rosa

não peçam
que eu mate as pedras
quando muito
posso de bom prazer evitá-las
destruí-las
seria negar ao corpo caminhos...
se não quero tropeçar
contemplá-las em seus relevos
e acolhê-las ao olhar
pode ser o início de um viver
sem que petrifiquemos
o jeito criança de tocar a vida

Carlos Pessoa Rosa é escritor, poeta, médico, novelista, cronista, contista e editor do site www.meiotom.art.br.

O INVENTOR

Carolina Ramos

Desde cedo, sonhava ser um dia
um inventor famoso de verdade!
E alimentava a doce fantasia,
no enlevo de servir à humanidade!

Cresceu ao acalanto da poesia
e ao vê-la sucumbir à realidade,
sentiu que a fibra, aos poucos, lhe fugia
dando morada às sombras da saudade!

Velho e cansado, em fuga da amargura,
acomodou-se... a conquistar afetos
e a descobrir tesouros de ternura!

Nessa humilde renúncia às próprias glórias,
rodeado de filhos e de netos,
nada mais foi que um inventor de histórias!...

Carolina Ramos é trovadora, professora, artista plástica, poeta, contista, cronista e musicista. Membro da Academia Santista de Letras, Academia Feminina de Letras, União Brasileira dos Trovadores e do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

Manchetes em versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier
Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -

Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



2020 - UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES RJ - UBE- RJ 62 ANOS

Juçara Valverde

A UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES RJ - UBE-RJ congrega número ilimitado de associados titulares efetivos, membros correspondentes nacionais e internacionais, autores de obras literárias, jornalísticas, científicas ou culturais.

Na UBE-RJ, cinco mulheres escritoras são fundadoras, em 56 fundadores: Alice Leonardos da Silva Lima, Dinah Silveira de Queiroz, Eneida de Moraes, Stella Leonardos e Zora Seljan.

Jorge Amado foi o primeiro vice-presidente da UBE-RJ, na década de 1960. Vindo de Paris coordenou, pela UBE-RJ, a Primeira Feira de Livros, com barraquinhas de livros com seus autores, dando origem ao 1º Festival Brasileiro de Escritores, no Shopping Center de Copacabana, em 25/07/1960. Nos estandes, ficaram Jorge Amado, Zélia Gattai, Antonio Olinto e sua esposa Zora Seljan e o famoso padrinho, Grande Otelo vendendo livros. Visitada pelo Presidente Juscelino Kubitschek.

O sucesso foi tanto que quando Deputado Federal, Jorge Amado fez da data, 25 de julho, o "Dia do Escritor".

O Festival Brasileiro de Escritores, promovido pela UBE-RJ, se repetiu por mais dois anos. Depois se tornou anual com algumas editoras assumindo o empreendimento. Hoje são as Bienais do Livro.

Graças ao Presidente João Fagundes de Menezes a UBE-RJ foi incluída na Federação Latino-Americana de Sociedade de Escritores, com sede em Caracas, Venezuela, honra que só a nossa entidade possui no Brasil.

Na gestão de Edir Meirelles, a partir de 2007, houve intensa modernização na entidade. E a seu convite, faço parte da Diretoria da UBE-RJ, desde 2008, já se passaram 12 anos.

Edir Meirelles, no Jubileu de Ouro da UBE-RJ, afinado com a cultura literária realizou o Congresso Brasileiro de Escritores da Língua Portuguesa, criou a Medalha Jorge Amado para destacados escritores e a Revista *RenovArte* em prosa e verso.

A revista da UBE-RJ teve e tem proposta de edição de publicação anual. Em 2018 ocorreu a edição comemorativa de seus 10 anos, nos 60 anos da UBE-RJ. A *RenovArte* tem promovido a divulgação da UBE-RJ e seus escritores em outras associações, academias, bem como em outros Estados e no Exterior onde tem sido distribuída com grande aceitação. É um dos nossos cartões de visita pela qualidade editorial e literariedade.

Valiosos Parceiros caminham conosco. Nosso intercâmbio com a Sociedade Nacional de Agricultura - SNA, a Rede Mídia /Jornal Sem Fronteiras, o PEN Clube do Brasil, a ACL, a FALARJ, o ICCA, o Centro Cultural Clube Monte Líbano, entre outros, tem potencializado a manutenção de nossos encontros literários, seminários e programações culturais, sociais integrando escritores com a sociedade e a cultura brasileira.

As atividades anuais da UBE-RJ fazem importantes conexões culturais com as comunidades de escritores, são elas: Troféu Rio, Troféu Rosa de Pindaro, Medalha Jorge Amado - 2008 a 2017 e Medalha Gilberto Freyre - 2018 e 2020, que entendemos ser a oportunidade de divulgação e promoção de escritores e da entidade. A UBE-RJ, através de seus concursos e premiações tem reconhecido talentos literários e revelado novos escritores em todo o Brasil e Exterior. Premiar nos Concursos Internacionais e Internos, nos Prêmios Anuais de Diretoria ou ainda as homenagens com medalhas são momentos que visam reconhecer escritores lusófonos de destaque literário nacional, pela excelência de suas obras.

No Seminário Internacional Encontro das Américas UBE-RJ/Rede Mídia/Jornal Sem Fronteiras e parceiro, que está no seu sexto ano - 2015/RJ, 2016/RN, 2017/ARGENTINA, 2018/RJ e 2019/RJ - palestras e conferências possibilitaram escritores exteriorizarem ideias e projetos. Esse grande intercâmbio tem resultado em publicações e interações continuadas.

A União Brasileira de Escritores RJ possui equipe executiva muito comprometida que se concentra em planejar e elaborar os diversos projetos que fazem parte dos empreendimentos culturais da nossa Instituição, atuação que acima de tudo, valoriza a literatura como instrumento de expansão da língua portuguesa para o aprimoramento dos escritores efetivos e correspondentes, bem como descobre novos talentos nos seus diversos trabalhos notáveis. Esses afazeres contínuos, em equipe, muito têm ajudado a nossa instituição em vencer desafios e implementar inovações como a utilização virtual em concursos, reuniões e solenidades.

Nos seus 11 anos a revista da UBE-RJ, a *RenovArte* é um dos fortes símbolos da União Brasileira de Escritores RJ, UBE-RJ e tem marcado época, feito e mostrado a nossa história como instrumento de divulgação da cultura da UBE-RJ.

Parabéns Ubeanos,
Juçara Valverde
Vice-presidente da UBE-RJ

Livros

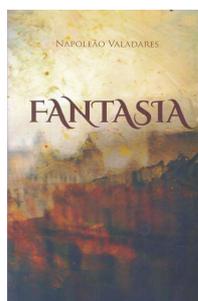
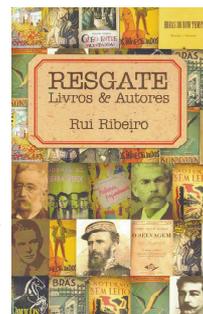
Resgate Livros & Autores, de Rui Ribeiro, Edição do Autor, São Caetano (SP), 136 páginas. ISBN: 978-65-00-7640-0.

O autor é escritor, advogado, crítico literário, jornalista, historiador e pesquisador de Música e Literatura.

Colaborou na imprensa paulista com artigos sobre autores, compositores e intérpretes.

A obra reúne 26 textos sobre autores esquecidos da nossa Literatura. A maioria dos artigos foram publicados no jornal *Linguagem Viva*.

Rui Ribeiro: ruybe@gmail.com



Fantasia, poemas de Napoleão Valadares, André Quicé Editor, Brasília (DF), 158 páginas.

O autor é escritor, poeta, advogado, membro da Academia de Letras do Brasil, da Academia Brasileira de Letras, Associação Nacional de Escritores e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

A obra abriga sonetos, triolés, haicais, tankas, aldravias, circunstanciais, paródias e outros poemas.

Napoleão : napoleaovaladares@gmail.com

25 Anos de Poesia - ouvindo o silêncio, poemas de Sonia Sales, Editora, Kelps, Goiânia (GO), 425 páginas. ISBN: 9786586148565.

A autora é escritora, poeta, ensaísta, membro titular da Academia Carioca de Letras, da Academia Luso Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Sociedade Eça de Queiroz - Rio e do PEN Clube do Brasil.

A obra reúne 382 poemas em comemoração aos 25 anos de carreira poética da autora dos livros *A Chama Breve*, *Da Essência ao Divino*, *Ouvindo o Silêncio*, *Girassóis Maduros*, *Os Dedos da Morte* e *Sol Desativado*. Abriga banco de imagens e textos sobre os seus poemas que foram enviados por renomados escritores do Brasil.

Sonia Sales: ss.sonia.sales@gmail.com



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA
Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS
Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Paulo Colina

Poesia Reunida - Paulo Colina, Editora Ciclo Contínuo Editorial, obra publicada em saudação ao septuagésimo aniversário de Paulo Colina (1950-1999), reúne o trabalho do poeta publicado em três livros nas décadas de 1980 e 90. Editada por Eunice Souza e Marciano Ventura, com apresentação do jornalista e escritor Oswald de Camargo, e posfácio do pesquisador e crítico de literatura Ricardo Riso.

Anne Weber, escritora e tradutora, foi agraciada com o Prêmio German Book Prize. Autora da biografia de Anne Beaumanoir intitulada *Annette, ein Heldinnenepos (Annette, uma heroína épica)*, em tradução livre).

A Editora Aleph promove campanha em prol do combate às queimadas no Pantanal. Quem fizer doação a uma entidade que trabalhe na defesa da região poderá disponibilizar sem ônus o e-book do romance *Os despossuídos e um wallpaper*, de Ursula K. Le Guin, agraciada com o prêmio Nebula. Os interessados deverão enviar o comprovante da doação para panantal@editoraaleph.com.br.

Autonomia Universitária - 30 anos no Estado de São Paulo, de Edson César dos Santos Cabral e João Eduardo Lopes Queiroz, foi lançada pela Editora UNESP. A obra reúne 14 artigos de autores que são referência na educação e no direito a respeito dos múltiplos desdobramentos do tema abordado.

Notícias

A Fundação Editora UNESP lançou 20 livros digitais que estão disponíveis gratuitamente no formato ePub, com opção de impressão sob demanda. As obras são editadas pela parceria firmada entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP e a Fundação Editora da UNESP, através dos programas PROPG-FEU e o PROPG-CAD. www.editoraunesp.com.br

Tônio Caetano, laureado com o Prêmio SESC de Literatura na categoria Contos, lançou *Terra nos cabelos* pela Editora Record.

Alice Walker lançou *A terceira vida de Grange Copeland*, Editora José Olympio, com Tradução de Carol Simmer e Marina Vargas. Alice foi agraciada com o Prêmio Pulitzer de 1983 pelo livro *A cor púrpura*. A obra revela o cotidiano de uma família negra no Sul dos Estados Unidos, por três gerações.

Ana Pacheco lançou *Ponha-se no seu lugar!*, Coleção Vaga-Lume através dos tempos, pela Editora Ática. Jiro Takahashi e o escritor Luiz Puntel são os idealizadores da coleção.

A Sharjah International Literary Agency, primeira agência literária dos Emirados Árabes Unidos, foi anunciada na abertura da 39ª edição da Feira Internacional do Livro de Sharjah realizada no dia 4 de novembro.

Mary del Priore, escritora e historiadora, lançou *Sobreviventes e guerreiras* pela Editora Planeta. A obra apresenta a história da mulher brasileira de 1500 a 2000, das indígenas, afrodescendentes, escravas, empregadas, amas de leite, feministas homossexuais e integrantes do movimento LGBTQI+; de Cláudia Lessin Rodrigues e Aída Curi à Daniella Perez e Marielle Franco.

Vítor Aguiar e Silva, professor, teórico e escritor português, foi agraciado com o Prêmio Camões 2020. O laureado é pesquisador da literatura portuguesa dos séculos 16 e 17 e um dos autores da Petição em Defesa da Língua Portuguesa Contra o Acordo Ortográfico. Autor de *Teoria da Literatura*, entre outras obras. Receberá a importância de 100 mil euros. Em 2019 foi agraciado o compositor e escritor Chico Buarque.

Autobiografia Precoce, de Patrícia Galvão (1910 - 1962), escrita em 1940, foi lançada pela Companhia das Letras. A obra abrange aspectos pessoais, políticos, literários, artísticos da vida da escritora, artista, militante política e tradutora.

Caê Guimarães, laureado com o Prêmio SESC de Literatura 2020, lançou o romance *Encontro você no oitavo round* pela Editora Record.

Marcelo Martins Silva lançou, pela Diadorim Editora, *A matéria inacabada das coisas*, poemas produzidos entre 2019 e 2020.

O 6º Prêmio Abeu divulgou a relação dos finalistas em www.premioabeu.com.br/. O prêmio tem como objetivo incentivar a qualificação das edições das editoras universitárias e fomentar a produção técnico-científica. As categorias que concorreram foram Ciências Humanas, Ciências Sociais, Ciências da Vida, Ciências Naturais e Matemáticas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes; além de Projeto Gráfico e Tradução, categoria introduzida em 2019.

O Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, divulgou os cinco finalistas em www.premiojabuti.com.br/

Eça de Queiroz, Agitador no Brasil e O Caso eu Conto como o Caso foi, de Paulo Cavalcanti, foram lançados pela CEPE Editora. Cavalcanti nasceu em 25 de maio de 1915 (Olinda - PE) e faleceu no dia 31 de maio de 1995, em Recife (PE). Escritor, promotor público, jornalista e advogado. Foi deputado estadual por duas vezes e vereador do Recife pelo PCB, em 1992. www.cepe.com.br

Guadalajara, cidade mexicana, foi escolhida a Capital Mundial do Livro, em 2022, pela UNESCO. O evento está previsto para se iniciar em 23 de abril de 2022.

Mulheres Quilombolas, antologia organizada por Selma dos Santos Dealdina, foi lançada pelo Selo Sueli / Jandaira. A obra reúne textos de 18 mulheres que nasceram e viveram em comunidades quilombolas espalhadas pelo Brasil. Os trabalhos abordam uma pluralidade de eixos temáticos apresentados - de violência doméstica a educação.

O XIII Festival de Poesias de Dois Córregos, promovido pelo Instituto Usina de Sonhos, com o tema Poesia a Arte do Encontro, realizado no dia 16 de outubro, com transmissão ao vivo nas mídias sociais, disponibiliza vídeos individuais dos 27 poetas homenageados no Facebook. POETAS HOMENAGEADOS: Acre - Luísa Galvão Lessa, Alagoas - João Gomes de Sá, Amapá - Joãozinho Gomes, Amazonas - Dori Carvalho, Bahia - José Inácio Vieira de Mello, Ceará - Mailson Furtado Viana, Espírito Santo - Renata Bonfim, Goiás - Alice Spindola, Maranhão - Daniel Blume Pereira de Almeida, Mato Grosso do Sul - Raquel Naveira, Mato Grosso - Lucinda Nogueira Persona, Minas Gerais - Aroldo Pereira, Pará - Alfredo Garcia, Paraíba - Ricardo Bezerra, Paraná - Antonio Thadeu Wojciechowski, Pernambuco - Cacá Lopes, Piauí - Diego Mendes Sousa, Rio de Janeiro - Eduardo Tornaghi, Rio Grande do Norte - Nil-dinhar Freitas, Rio Grande do Sul - Oscar Henrique Marques Cardoso, Rondônia - José Danilo Rangel, Roraima - Eliakin Rufino, Santa Catarina - Dinivaldo Gilioli, São Paulo - Rosani Abou Adal, Sergipe - Izabel Nascimento, Tocantins - Eliosmar Veloso e Distrito Federal - Luciana Martins. <https://www.facebook.com/Usina-de-Sonhos-253037314824361>

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

